

UM

Harry Johnson fixou o olhar no campo inglês, através da janela do comboio, e pensou que não passava um momento sem que alguém estivesse a contar uma história. E, se a sua sorte se mantivesse até ao final do dia, estava prestes a ser contratado para contar a história do homem que ia visitar. Com efeito, fora escolhido para contar *toda* a história deste homem importante, deste artista digno de nota. Como começar, perguntou-se com um arrepio. Onde começaria e como iria acabar a história que ainda estava a ser vivida? Mais importante, seria ele, Harry, competente para uma tarefa como essa?

A Inglaterra pacífica, não tocada pela guerra, revolução, fome, agitação étnica ou religiosa. Mas, se os jornais estivessem correctos, a Grã-Bretanha era uma ilhazinha superpovoada, a fervilhar de imigrantes atarefados, muitos deles agarrados às orlas do país, como se estivessem num bote prestes a voltar-se. E não era tudo, centenas de candidatos a asilo e refugiados, querendo desesperadamente fugir das perturbações no resto do mundo caótico, estavam a tentar cruzar a fronteira. Alguns apinhavam-se em camiões, ou dependuravam-se das carruagens dos comboios; muitos cruzavam o Canal da Mancha, em bicos de pés, sobre cordas esticadas sobre o mar, enquanto outros eram disparados por canhões instalados em Boulogne. Entretanto, desde a crise financeira, todos os que se encontravam dentro do país estavam aparentemente tão próximos uns dos outros e claustrofóbicos que começavam a atacar-se como animais enjaulados. Com a escassez que estava para vir — poucos empregos, pensões reduzidas e segurança social deficiente — as vidas das pessoas deteriorar-se-iam. A seguran-

ça do pós-guerra em que Harry e a sua família tinham crescido desaparecera. Mas para Harry, neste momento, era como se o governo estivesse a injectar deliberadamente uma dose forte de angústia no corpo político, porque a única coisa que lhe era dado ver era uma Inglaterra verde e agradável: gado saudável, campos tratados, árvores podadas, correntes de água murmurantes e, por cima, o céu brilhante do início da Primavera. Inclusive, dava a impressão de que, durante muitas milhas, nem sequer haveria restaurantes que servissem caril.

Ouviu um barulho metálico e o seu rosto ficou salpicado de cerveja. Virou a cabeça. Rob Deveraux, que estava sentado à sua frente e abria mais uma lata, era um editor respeitado e inovador. Abordara Harry com a ideia de o contratar para escrever uma biografia do ilustre escritor, nascido na Índia, Mamoon Azam, um romancista, ensaísta e dramaturgo que Harry admirava desde os seus tempos de adolescente fanático por livros, um tímido apreciador de frases, um miúdo para quem os escritores eram reis, heróis, estrelas de *rock*. Harry ficou imediatamente interessado e entusiasmado. Após anos de estudo e obediência, as coisas começavam a correr-lhe bem, tal como os seus professores haviam dito que aconteceria se ele se concentrasse e mantivesse a braguilha e os lábios fechados. Esta era a sua oportunidade; podia ter chorado de alívio e excitação.

Era merecido, achava. Alguns anos antes, aos vinte e muitos, publicara uma biografia de Nehru que fora bem acolhida e continha muito material novo, e embora a história familiar tivesse agora, à maneira moderna, de ser ligeiramente apimentada com copulação inter-racial, sodomia, alcoolismo e anorexia, a obra foi considerada, como um todo, instrutiva. Até os Indianos gostaram dela. Para Harry, fora «trabalho de casa». De momento, estava a fazer resenhas de livros e a dar aulas, enquanto procurava um novo projecto onde investir a sua paixão criativa, energia e empenho; algo, esperava, que lhe desse nome, lançando-o no mundo público e num futuro risonho.

Hoje, numa luminosa manhã de domingo, Harry e Rob estavam no comboio para Taunton a fim de visitarem Mamoon na casa onde o lendário escritor vivera a maior parte da sua vida adulta e que agora partilhava com a sua segunda mulher, Liana Luccioni, uma italiana alegre de cinquenta e poucos anos. O mundo que via pela janela — a sua Inglaterra — deveria ter mantido Harry calmo e descontraído, só

que Rob, como um treinador de boxe, insistia em aconselhar e acicatar o seu rapaz como preparação para a luta que tinha pela frente.

Rob estava a explicar que escrever sobre alguém ainda vivo era, simultaneamente, uma vantagem e um incómodo. O próprio visado podia dar uma ajuda, afirmou, enquanto Harry limpava a cerveja da cara, com um lenço. O passado podia assumir novos tons quando o retratado olhava para trás — e a missão de Harry era levar Mamoon a olhar para trás. Rob não tinha a menor dúvida de que este o ajudaria, uma vez que Mamoon reconhecera finalmente que o livro se tornara essencial. Liana revelara-se extravagante, se não mesmo mais cara e, na verdade, explosiva do que qualquer outra mulher que Mamoon conhecera antes. Rob dissera que era como se Gandhi tivesse casado com Shirley Bassey e ido viver para Ambridge.

Mamoon fora muito respeitado pelo mundo literário, bem como pelos jornais de direita. Era, finalmente, um escritor do subcontinente indiano de quem se podia gostar, alguém que pensava que a subjugação, em particular por parte dos cultivados, informados e inteligentes — pessoas que, estranhamente, se assemelhavam a ele —, era preferível à estupidez universal, ou até à democracia.

Mas, sendo demasiado cerebral, inflexível e angustiante para ser lido por um público amplo, Mamoon estava a ficar arruinado financeiramente; apesar dos louvores e dos prémios, tentava agora dar a volta ao seu orçamento. Actualmente, fazia tentativas para vender o seu arquivo a uma universidade americana. Antes que se tornasse igualmente necessário fazer uma nova hipoteca sobre a casa, a sua mulher e o seu agente tinham acordado que a melhor maneira de animar a sua carreira calma — Mamoon tornara-se o tipo de escritor em relação ao qual as pessoas perguntavam «Sabes se ainda é vivo?» — era a publicação de uma nova biografia «controversa», tendo na capa o biografado quando jovem, irresistivelmente belo e perigoso. A imagem forte e memorável seria tão importante como as palavras: bastava pensar em Kafka, Greene, Beckett, escritores cujo carácter taciturno nunca impediu uma fotografia sensual e melancólica. Este era, portanto, o livro que Harry iria escrever. A biografia seria um «acontecimento», um «*big bang*», acompanhado, é claro, por um documentário televisivo, entrevistas, uma digressão de leituras e a reedição dos livros de Mamoon em quarenta línguas.

Por outro lado, continuou Rob, o facto de o autor estar vivo podia inibir um biógrafo. Rob encontrara-se com o homem quase uma dúzia de vezes e disse que Mamoon, honra lhe fosse feita, era mais Norman Mailer do que E. M. Forster. Inibição, achava Rob, era algo de que Harry não precisava de modo algum, neste caso. Não se adequaria à personagem.

Harry, por seu turno, considerava que Rob tinha mais de Norman Mailer do que Mamoon, que lhe parecera contido e digno, quando do seu único encontro. Rob era um inconformista desgrenhado e brilhante, que não se barbeava e costumava cheirar a álcool. Hoje, aparecera realmente embriagado e começara a beber cerveja no momento em que entrou no comboio — enquanto comia, furiosamente, batatas fritas que soltavam pedaços que ficavam colados no seu rosto e nas roupas como flocos de caspa. Rob considerava a escrita uma forma de luta radical e a «graça salvífica» da humanidade. Para ele, o escritor deveria ser o demónio em pessoa, um agitador de sonhos e destruidor de utopias fátuas, aquele que traz a realidade e é rival de Deus no seu desejo de fazer mundos.

Agora, Harry, como sempre fazia, acenava com a cabeça, gravemente, a Rob, que se encontrava do outro lado da mesa; não queria mostrar que estava assustado.

Se Harry se via como uma pessoa cautelosa e até conservadora, Rob parecia encorajar os seus autores à belicosidade, à devassidão e à «autenticidade» por temer, pensavam alguns, que o acto e a arte da escrita, ou até da edição, pudessem parecer «artísticos», femininos, amaricado ou, inclusive, *gay*. Deixando de lado Mamoon, Harry ouvira inúmeras histórias sobre as tendências sociopatas de Rob. Só aparecia no escritório depois das cinco da tarde, embora ficasse lá durante toda a noite, a rever, telefonar e trabalhar, dando talvez um pulo ao Soho. Casara havia não muito tempo, mas parecia ter esquecido que o matrimónio era um estado contínuo e não algo que acontecesse apenas uma vez. Dormia em locais diferentes, amiúde com bastante desconforto e com um livro sobre o rosto, enquanto parecia residir num fuso horário que estreitava e se expandia de acordo com a necessidade e não com o relógio, que considerava um objecto fascista. Se alguém o aborrecia, virava-lhe as costas ou, inclusive, esbofeteava-o. Cortava arbitrariamente o trabalho dos seus escritores, ou alterava o título, sem os informar.

Não é que Harry se tivesse importado com as histórias de loucura, uma vez que tinha consciência de que só os loucos conseguem realizar algo significativo. Além disso, a editora de Rob ganhara inúmeros grandes prémios, e ele era poderoso, persuasivo e potente. Tendo almoçado e conversado com ele em festas durante cinco anos, Harry não podia dizer, até hoje, que tivesse testemunhado, pessoalmente, muita devassidão. Rob tinha no seu catálogo o que de mais moderno havia em Londres e era, simultaneamente, um artista e um promotor de filmes ou discos inovador. Fazia com que as coisas acontecessem e corria riscos; dizia-se que era «original». Harry nunca sonhara que Rob o convidasse para trabalhar com ele. Não só isso, mas que lhe pagasse um adiantamento significativo pelo seu livro. Se pedisse um empréstimo ao pai, Harry poderia custear a entrada para a casinha que pretendia comprar com Alice, a sua noiva, com quem andava há três anos e que se mudara para o seu apartamento de solteiro. Tinham falado sobre terem filhos, embora Harry pensasse que deveriam ter uma vida mais estável antes de darem esse passo.

Viera à ideia de Harry, no último ano, pelo menos, à medida que amadurecia, que precisava de ter uma vida desafogada. Não se tratava da sua primeira prioridade, que era ser sério, mas estava a começar a ver que a sua pequena lista de realizações poderia ter de incluir uma boa quantia no banco, um sinal exterior da sua posição social, capacidade e privilégios. Rob oferecera-se para o ajudar nessa tarefa, auxiliando Harry na sua viagem. Já não era sem tempo. «Sou o teu Mefistófeles e proclamo que agora és oficialmente uma estrela do *rock'n'roll*», dissera Rob. «É claro que virá o dia em que terás de me agradecer. E agradecer a sério. Talvez possas mostrar gratidão com um beijo na boca, ou dando-me a tua língua.»

À medida que o comboio os aproximava da reunião, a directriz de Rob foi que Harry escrevesse um livro «tão louco e desbragado» quanto pudesse. Seria a sua grande oportunidade. Devia treinar-se a dar autógrafos: seria aclamado em festivais literários na América do Sul, Índia e Itália, apareceria na televisão e faria palestras e conferências bem pagas sobre a natureza da verdade e a servidão do biógrafo em relação a ela. Seria o seu passaporte para a fama. Se escrevesse um livro que tivesse êxito, poderia viver à sombra dele durante dez anos.